

Tales Faria

Ao PT de MG, Pacheco diz que ainda não desistiu da candidatura

O presidente nacional do PT, Edinho Silva, declarou nesta terça-feira, 19, que o senador Rodrigo Pacheco (PSB-MG) desistiu de concorrer ao governo do estado. Mas, em contato com a direção do PT mineiro, Pacheco desautorizou o dirigente nacional petista.

“Em Minas Gerais, nós estávamos trabalhando com a candidatura de Rodrigo Pacheco, mas, infelizmente, ele optou por não ser candidato”, disse Edinho Silva em entrevista ao economista Felipe Salto no podcast da Warren Investimentos.

Ele pegou até mesmo o PT de Minas Gerais em surpresa. Logo a seguir, a deputada Leninha, que é presidente estadual do PT, afirmou à imprensa local: “Ainda não tivemos essa declaração vinda do próprio Pacheco, que é o que aguardamos.”

Na verdade, ela foi procurada por emissários do senador desautorizando Edinho Silva. Pacheco mandou avisar: “Só decido depois de conversar com o presidente”. A conversa com Luiz Inácio Lula da Silva (PT) deve ocorrer nesta semana.

O senador, de fato, não está empolgado com a candidatura em aliança com o PT por falta de garantias do partido de que dará sustentação financeira à sua campanha. Ele considera o PSB em Minas uma legenda com poucos recursos financeiros e, sem garantias do PT, acha que não terá como concorrer.

Na avaliação dos aliados de Rodrigo Pacheco, Edinho Silva deu a declaração para forçar a que o senador tome uma decisão sem que o PT precise se comprometer com os recursos de campanha.

O senador acha que apenas o presidente da República pode fazer com que o PT lhe dê essa garan-

tia. Então resolveu que só tomará uma decisão final sobre concorrer ou não ao governo do estado depois de conversar com Lula. Caso sinta que nem o presidente pode assegurar os recursos de campanha, aí, sim, desistirá definitivamente de concorrer.

Foi Lula quem convidou Pacheco para encaixar a chapa com o PT visando montar um palanque forte no estado em defesa de sua candidatura à reeleição para o Palácio do Planalto. Minas é considerado decisivo nas campanhas presidenciais. Nenhum presidente da República foi eleito tendo sido derrotado no estado.

Um outro complicador para que Pacheco decida concorrer ao governo é que seu principal aliado no Congresso, o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), já o lançou como candidato a ministro do Tribunal de Contas da União (TCU) na vaga aberta pela saída de Bruno Dantas.

A vaga pertence ao Senado. Dantas chegou lá pelas mãos do então presidente da Casa, Renan Calheiros (MDB). Agora Alcolumbre, que vive uma queda-de-braço com o presidente Lula, resolveu lançar o nome de Rodrigo Pacheco. Com isso, ele pode desmanchar de vez o palanque petista em Minas Gerais.

Na verdade, também o PL não conseguiu ainda montar um palanque forte em Minas Gerais para o pré-candidato do partido a presidente da República, o senador Flávio Bosonaro (RJ).

Lula e Flávio vivem, neste momento, uma corrida pela montagem de seus palanques no estado. Mas, como bom mineiro, Pacheco tem dito que “ainda é cedo para tanta pressa”.

Fernando Molica

Flávio e o risco de cair do cavalo

A pesquisa Atlas/Intel e a confissão de Flávio Bolsonaro, que admitiu ter visitado Daniel Vercaro depois que este havia sido preso, dão novo sentido à palavra “horse” presente no título do filme sobre Jair Bolsonaro e indicam que o pré-candidato do PL tem grandes chances de cair do cavalo.

“Dark Horse”, literalmente “cavalo escuro”, é uma expressão em inglês que designa o azarão, aquele que contraria os prognósticos e sai vencedor de uma disputa. O título é uma referência a Jair e seu improvável triunfo em 2018.

Mas as palavras e os fatos são traiçoeiros. Depois de toda essa lambança relacionada ao filme, Flávio Bolsonaro é que se vê na condição de azarão — mas, aqui, sem qualquer conotação positiva. É como se ele, de possível puro-sangue inglês, o rei das pistas, virasse pangaré.

Evidentemente que tudo pode mudar, não seria a primeira vez que sapos virariam príncipes; na vida política, cavalos mancos têm chance de recuperarem o garbo e ganharem páreos importantes.

O problema é que Flávio acumula excesso de problemas em sua biografia. A anulação das provas do caso das rachadinhas não eliminou a evidência de que o faz-tudo Fabrício Queiróz pagava contas da família do chefe com dinheiro vivo que não saía das contas de Flávio ou de sua mulher; os lucros exorbitantes da fantástica loja de chocolates também desafiam a realidade do comércio; as complicadas e suspeitas transações imobiliárias também mereceriam mais explicações.

Tudo isso tinha sido meio sepultado, receberia, na campanha eleitoral, a velha e sempre útil definição de “denúncia requentada”. Mas a batata

quente das relações com o amigo de fé, irmão camarada Vercaro não pode ser ignorada — e seu calor contamina o que havia sido posto na geladeira, restos que envolvem Bolsonaro-pai.

A conversa que trata do pedido de dinheiro feito ao então dono do Master deixa evidente que Vercaro participava do projeto eleitoral da família Bolsonaro e remete às milionárias doações que seu parça Fabiano Zettel fez para a campanha de reeleição do ex-presidente (R\$ 3 milhões) e para a eleição de Tarcísio de Freitas para o governo de São Paulo (R\$ 2 milhões).

O caso Flávio/Vercaro estourou pouco depois da operação da Polícia Federal que teve como um dos alvos o senador Ciro Nogueira (PP-PI), ex-ministro-chefe da Casa Civil do Bolsonaro-pai e citado por Flávio como um possível candidato a vice-presidente em sua chapa.

Segundo as investigações, Nogueira teria recebido pronto do Master o texto da emenda que beneficiaria o banco. E Vercaro só virou banqueiro graças à boa-vontade do Banco Central então presidido por Roberto Campos Neto, aquele que foi votar vestido com a amarelinha apropriada pelos bolsonaristas.

A perspectiva familiar adotada por Bolsonaro-pai na política dificulta um movimento que seria razoável, a retirada da candidatura de Flávio até para tentar esfriar o assunto. Isso, em tese, tiraria o clã dos holofotes e ajudaria os aliados. O problema é que, para Jair, os correligionários que importam são os que têm seu sobrenome — desde o registro de nascimento.

Corridas de cavalo são imprevisíveis, não resistem a segredos de cocheira. Mas, ao que tudo indica, Flávio, depois do novo tombo, vai ficar na largada.

EDITORIAL

A tríade China, EUA e Rússia para o mundo

As recentes reuniões diplomáticas entre China, Estados Unidos e Rússia revelam muito mais do que simples tentativas de diálogo entre potências. Elas representam um movimento estratégico capaz de redefinir o equilíbrio geopolítico mundial em um momento marcado por guerras, disputas econômicas e crescente instabilidade internacional. Em um cenário de polarização global, cada encontro entre essas nações carrega impactos diretos sobre conflitos já em andamento, especialmente as tensões entre Estados Unidos e Irã e a guerra entre Rússia e Ucrânia.

A China, que durante décadas adotou postura mais cautelosa na política internacional, hoje busca consolidar-se como protagonista global. Pequim percebe que a fragilidade das relações entre Moscou e Washington abre espaço para ampliar sua influência diplomática, econômica e militar. Ao manter diálogo simultâneo com russos e americanos, o governo chinês tenta apresentar-se como potência moderadora, mas sem abandonar seus próprios interesses estratégicos.

No caso da guerra na Ucrânia, as reuniões ganham importância ainda maior. A Rússia depende cada vez mais do apoio econômico chinês para enfrentar as sanções ocidentais impostas após a invasão do território ucraniano. Embora Pequim evite apoio militar explícito, a parceria entre os dois países fortalece Moscou politicamente e dificulta o isolamento pretendido pelos Estados Unidos e pela Euro-

pa. Qualquer aproximação entre chineses e americanos pode influenciar diretamente o rumo desse conflito, seja pressionando por negociações, seja ampliando disputas por influência na Europa e na Ásia.

Ao mesmo tempo, as tensões entre Estados Unidos e Irã também entram nesse tabuleiro internacional. A China possui interesses energéticos fundamentais no Oriente Médio e mantém relações comerciais importantes com Teerã. Caso Washington endureça sua postura militar contra os iranianos, Pequim poderá atuar para evitar uma escalada que ameace o abastecimento energético global e comprometa sua própria economia. Isso coloca os chineses em posição delicada: precisam equilibrar a relação econômica com os Estados Unidos sem abandonar alianças estratégicas no Oriente.

Essas reuniões mostram que o mundo caminha para uma nova configuração multipolar, em que nenhuma potência consegue agir isoladamente. As guerras atuais deixaram de ser conflitos regionais para tornarem-se peças de uma disputa maior por liderança global. Nesse contexto, o diálogo entre China, Estados Unidos e Rússia pode tanto reduzir tensões quanto aprofundar rivalidades. O futuro da estabilidade internacional dependerá menos das armas e mais da capacidade dessas potências de transformar encontros diplomáticos em soluções concretas para conflitos que ameaçam o mundo inteiro.

Opinião do leitor

Neymar na Copa

A mala já tá pronta! Neymar rumo à Copa! Sorte menino Ney! Confesso: fiquei emocionado... O coração até acelerou... Neymar foi convocado! Rumo ao hexa!

*José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal*

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral) | Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br | redacao@correiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Thiago Ladeira e Anderson Sá

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo:
Campinas:

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.